



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E AGRÁRIAS
BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO

BRUNO DE SOUSA ARRUDA

PANORAMA DA AGROPECUÁRIA NO CURIMATAÚ ORIENTAL PARAIBANO

Bananeiras - PB

2025

BRUNO DE SOUSA ARRUDA

PANORAMA DA AGROPECUÁRIA NO CURIMATAÚ ORIENTAL PARAIBANO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para obtenção de nota, com linha específica em Economia.

Orientador: Prof. Danilo Raimundo de Arruda

Bananeiras - PB

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A786p Arruda, Bruno de Sousa.

Panorama da agropecuária no Curimataú Oriental
paraibano / Bruno de Sousa Arruda. - Bananeiras, 2025.
31 f. : il.

Orientação: Danilo Raimundo de Arruda.
TCC (Graduação) - UFPB/CCHSA.

1. Potencial produtivo. 2. Desenvolvimento rural. 3.
Perfil socioeconômico. 4. Curimataú Oriental. I.
Arruda, Danilo Raimundo de. II. Título.

UFPB/CCHSA-CHÃ

CDU 658(043)

Folha de aprovação

Trabalho apresentado à banca examinadora como requisito parcial para a Conclusão de Curso do Bacharelado em Administração

Aluno: Bruno de Sousa Arruda

Trabalho: Panorama da Agropecuária no Curimataú Oriental paraibano

Data de aprovação:

Banca examinadora

Documento assinado digitalmente
 **DANILO RAIMUNDO DE ARRUDA**
Data: 15/05/2025 15:08:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientador(a)

Documento assinado digitalmente
 **FRANCIVALDO DOS SANTOS NASCIMENTO**
Data: 15/05/2025 19:56:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Francivaldo dos Santos Nascimento

Documento assinado digitalmente
 **CLEBER BRITO DE SOUZA**
Data: 16/05/2025 09:39:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Cleber Brito de Souza

RESUMO

Este estudo apresenta um panorama da agropecuária na microrregião do Curimataú Oriental da Paraíba, situada no semiárido nordestino brasileiro. Utilizando uma abordagem exploratória e descritiva, foram analisados dados socioeconômicos e agropecuários, obtidos principalmente do IBGE e de revisões bibliográficas. A análise revelou um perfil socioeconômico detalhado da região, destacando aspectos como densidade populacional, Produto Interno Bruto (PIB), e indicadores de saneamento básico. Além disso, foram examinadas as características da agropecuária, com ênfase na produção agrícola e pecuária. Na agricultura, destacaram-se culturas como algodão com uma média de produção de 830 toneladas por ano, dos anos 90 até os dias de hoje; feijão com uma produção média de 3 mil toneladas nos últimos anos, apontando tanto para oportunidades de crescimento quanto para desafios de queda na produção ao longo dos anos. Quanto à pecuária, observou-se uma redução na produção ao longo do tempo, apesar do potencial produtivo da região. A resiliência, diversificação e sustentabilidade foram identificadas como elementos-chave para impulsionar o desenvolvimento econômico e social da região. Este estudo contribui para o entendimento da dinâmica agrícola e pecuária em regiões semiáridas, fornecendo percepções relevantes para políticas públicas e estratégias de desenvolvimento rural sustentável.

Palavras chave: Potencial produtivo, Desenvolvimento rural, Perfil socioeconômico, Curimataú Oriental

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1 AGROPECUÁRIA NO BRASIL	9
2.2 AGROPECUÁRIA NOS MUNICÍPIOS	10
2.3 SITUAÇÃO CLIMÁTICA.....	10
3. METODOLOGIA.....	14
3.1 FONTES DE DADOS	15
3.2 ANÁLISE DE DADOS	15
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
4.1 PERFIL SOCIOECONÔMICO DO CURIMATAÚ ORIENTAL	16
4.1.1 <i>Características territoriais</i>	16
4.1.2 <i>População</i>	17
4.1.3 <i>Produto Interno Bruto</i>	17
4.1.4 <i>Saneamento básico</i>	18
4.2 A AGROPECUÁRIA NO CURIMATAÚ ORIENTAL	19
4.1.1 <i>Agricultura</i>	20
4.1.2 <i>Pecuária</i>	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29

1. INTRODUÇÃO

A agropecuária desempenha um papel vital na economia brasileira, segundo (Chaddad, 2016) no início da década de 2010, o Brasil chegou a ficar entre os cinco maiores produtores de 36 produtos agrícolas e o maior exportador líquido do mundo. Os preços internos de alimentos são 80% menores em termos reais, comparados com a década de 1970. No estado da Paraíba, o Curimataú Oriental emerge como uma área de importância agrícola e pecuária relevante no estado. Este vasto território apresenta desafios e oportunidades únicas para o desenvolvimento desse setor, situado no semiárido nordestino, abriga uma paisagem singularmente árida, mas também carrega consigo um potencial agrícola e pecuário.

Esta área é notória por suas características climáticas peculiares, onde a irregularidade das chuvas e a seca sazonal desempenham um papel fundamental na definição dos desafios enfrentados pela agropecuária local. De acordo com estudos e pesquisas realizadas por instituições como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e a Agência Executiva de Gestão das Águas da Paraíba (AESPA), o Curimataú Oriental apresenta uma variabilidade climática significativa, com precipitação média anual em torno de 600 milímetros, e é marcado por longos períodos de estiagem que testam a resiliência dos sistemas agrícolas e pecuários.

No entanto, apesar dos desafios impostos pelo clima árido, o Curimataú Oriental também é abençoado com recursos naturais, como solos férteis, que oferecem oportunidades excepcionais para o desenvolvimento da agropecuária sustentável. O zoneamento realizado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), de 1993, revelou que no semiárido há cerca de 16 milhões de hectares (16% do total) com bom potencial agrícola; 43 milhões de hectares (44%) com potencial agrícola limitado, mas passíveis de exploração sob determinadas condições; e cerca de 35 milhões de hectares (36%) com fortes restrições ao uso agrícola. A diversificação das atividades agropecuárias, a adoção de práticas de conservação de água e solo, e a pesquisa em variedades de culturas resistentes à seca têm sido estratégias cruciais para enfrentar os obstáculos e promover o crescimento econômico na região.

Neste contexto, este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo criar um panorama da agropecuária no Curimataú Oriental da Paraíba. Por meio de uma análise de dados, iremos examinar principais produções, tecnologia agrícola, e outros fatores que influenciam diretamente a produtividade e a sustentabilidade das atividades agropecuárias nessa região.

Deste modo, ao compreender as complexidades e particularidades da agropecuária no Curimataú Oriental da Paraíba, poderemos vislumbrar um futuro mais promissor para essa região, onde os desafios são superados com base no conhecimento, na resiliência e no compromisso com a sustentabilidade. Este estudo não apenas lança luz sobre um aspecto crucial da economia nordestina, mas também contribui para um diálogo mais amplo sobre o desenvolvimento agrícola e pecuário em regiões semiáridas em todo o mundo.

A metodologia adotada neste estudo é de natureza exploratória e descritiva, buscando compreender e caracterizar o panorama agropecuário do Curimataú Oriental a partir de dados quantitativos e qualitativos. A pesquisa fundamenta-se na análise de dados secundários, especialmente os disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), além de publicações científicas, livros e documentos técnicos que contribuíram para a construção de um quadro analítico consistente. Essa abordagem metodológica permitiu uma investigação aprofundada da realidade socioeconômica e das práticas agropecuárias da região, oferecendo um retrato fiel das transformações e persistências que marcam o setor. A escolha por dados secundários se justifica tanto pela abrangência das informações quanto pela confiabilidade das fontes utilizadas, o que possibilita a identificação de tendências históricas, padrões de produção e variações nas condições estruturais e ambientais do território estudado.

Além da introdução e das considerações finais, este trabalho está estruturado em três seções principais. O referencial teórico apresenta uma análise abrangente da relevância da agropecuária tanto para o Curimataú Oriental quanto para o Brasil, ressaltando seu papel estratégico na geração de emprego, renda e segurança alimentar. Com base em autores renomados da área, essa seção discute os fundamentos conceituais das atividades agrícolas e pecuárias, suas inter-relações com os contextos sociais e econômicos regionais, e os fatores que influenciam diretamente sua performance, como políticas públicas, acesso a tecnologias e infraestrutura. Também são examinadas as condições climáticas características do semiárido nordestino, enfatizando os efeitos das variações climáticas sobre a produtividade agropecuária. Destaca-se, ainda, o agravamento das mudanças climáticas, que têm provocado alterações nos ciclos de chuvas, aumento da frequência e intensidade das secas e impactos diretos na disponibilidade de recursos hídricos, comprometendo a sustentabilidade ambiental e econômica das práticas rurais locais.

Na agricultura, observam-se oscilações significativas na produção de culturas como milho, feijão, mandioca e algodão, evidenciando tanto a resiliência dos produtores quanto a

vulnerabilidade frente às condições climáticas adversas e à limitação de recursos técnicos. Já na pecuária, identifica-se uma redução gradual na criação de bovinos, suínos, ovinos e equinos, indicando a necessidade de medidas voltadas à revitalização desse segmento.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Este referencial teórico desempenha um papel central no presente trabalho de conclusão de curso, ao fornecer uma base sólida para a análise das complexidades inerentes a agropecuária no Curimataú Oriental. Estruturalmente, este referencial abrangerá as contribuições de autores amplamente reconhecidos que se destacam em áreas cruciais, tais como desenvolvimento rural e agropecuário, gestão de recursos naturais e sustentabilidade, economia rural, desafios climáticos e adaptabilidade, políticas públicas e desenvolvimento rural, empreendedorismo e gestão rural, desenvolvimento regional e tecnologia no campo da agropecuária. Cada autor e domínio de pesquisa discutido ao longo deste referencial proporcionará insights valiosos para a compreensão das dinâmicas da agropecuária no Curimataú Oriental, bem como para a concepção de estratégias de administração direcionadas à superação dos desafios e à exploração das oportunidades nessa região singular.

2.1 Agropecuária no Brasil

Através de estudos feitos por Alves (2001) é possível constatar que de grandes dimensões (milhões de produtores e unidades de produção), o mundo rural é extremamente diversificado – desde sistemas de produção tecnologicamente próximos do Neolítico até os mais modernos e tecnológicos do planeta. Nos últimos 50 anos, o mundo rural brasileiro viveu e vive grandes transformações econômicas, sociais e tecnológicas. E gerou novos favorecidos e desfavorecidos. Navarro *et al* (2020) completa dizendo que na agricultura moderna do Brasil, as palavras competitividade, inovação e sustentabilidade andam juntas e são quase sinônimos. Nenhuma é possível sem a outra e avanços em qualquer uma dessas três dimensões arrastam progressos nas outras.

As palavras de Alves e Navarro refletem a necessidade de políticas e práticas agrícolas que equilibrem essas dimensões, garantindo que o progresso em uma área não seja alcançado à custa das outras. Além disso, a importância desses princípios se estende para além das fronteiras do Brasil, já que a agricultura é uma parte crucial da economia global e desempenha um papel fundamental na segurança alimentar e na sustentabilidade ambiental em todo o mundo.

Grisa e Schneider (2015) afirmam que no momento atual, duas constatações são fundamentais: a agricultura brasileira tornou-se uma das principais e mais competitivas do mundo; e a estrutura de pesquisa pública para a agropecuária tornou-se complexa, ampla e capilarizada em todo o território nacional. Ao mesmo tempo, contraditoriamente, ainda se convive com legados históricos de exclusão de amplos setores da sociedade brasileira.

Por isso faz-se necessário estudos como este, que vai fazer luz sobre um território que por algum motivo pode estar em um setor de exclusão, como citou Grisa e Schneider, mas pode ter muitas oportunidades que não estão sendo aproveitadas.

2.2 Agropecuária nos municípios

Partindo para uma análise mais minuciosa dos municípios, Veiga (2001) diz que se devia encorajar os municípios rurais a se associarem com o objetivo de dar mais valor ao território que compartilham, fornecendo às associações os meios necessários ao desencadeamento e desenvolvimento do processo. Nesse período José Eli da Veiga exercia um cargo de importância como secretário Executivo do Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural-CNDR, e pode-se constatar que já nesse tempo se preocupava com a situação agrária até em outro trabalho feito por ele, onde Veiga *et al.* (2001) contestam o “traíçoeiro fatalismo” de que as áreas rurais esvaziariam e contariam só com 10% de sua população em 2015 e propõem a articulação microrregional dos municípios rurais que inclua o município urbano que mais os influencia. Só assim poderá haver diagnóstico, planejamento, divisão do trabalho e capacidade operacional.

A ideia de incluir o município urbano que mais influencia os municípios rurais nas articulações microrregionais é uma estratégia sensata, uma vez que muitas vezes os centros urbanos desempenham um papel significativo na economia e na vida das áreas circundantes. Isso ressalta a importância de uma abordagem integrada para o planejamento e o desenvolvimento rural, reconhecendo as interconexões entre áreas urbanas e rurais. Em resumo, as ideias de Veiga refletem a necessidade de abordagens colaborativas, planejamento estratégico e uma visão de longo prazo para enfrentar os desafios e promover o desenvolvimento sustentável nas áreas rurais, alinhando-se com os princípios do desenvolvimento territorial.

2.3 Situação climática

A disponibilidade ou escassez de recursos hídricos ao longo do ano, especialmente em áreas que registram maiores índices pluviométricos, influencia diretamente as atividades humanas locais. A água, portanto, exerce um papel essencial no desenvolvimento das comunidades, não apenas sob a perspectiva ambiental, mas também como elemento central nas dinâmicas econômicas e sociais, é o que explica Calado *et al.*, (2020). Diante disso, torna-se imprescindível abordar a situação das chuvas na região do Curimataú Oriental paraibano, uma vez que o regime pluviométrico irregular e a crescente instabilidade climática impactam diretamente a agropecuária — um dos pilares da economia local. Compreender o comportamento climático da região é um passo fundamental para analisar os desafios enfrentados pelos produtores rurais.

Como o Curimataú Oriental está inserido na região de clima semiárido brasileiro, faz-se importante contextualizar os impactos desse clima na sua produção agropecuária. Bezerra (2002) evidencia que o principal fator limitante do desenvolvimento no semiárido brasileiro é a água. Não propriamente pelo volume precipitado, mas pela quantidade evaporada. Ele completa dizendo que a região tem uma precipitação pluviométrica com média anual inferior a 800 mm. Essa pluviosidade relativamente baixa e irregular é concentrada em uma única estação de três a cinco meses caracterizada, ainda, pela insuficiência e pela irregularidade temporal espacial.

Essas variações climáticas, principalmente nos períodos de estiagem podem agravar outros problemas não apenas produtivos, mas também socioeconômicos e fazem com que os municípios entrem em uma situação mais delicada dependendo ainda mais de incentivos do governo para que possa subsistir seus munícipes.

Faz-se necessário uma ampliação sobre a discussão das mudanças climáticas no bioma da região estudada, de modo que Cavalcante (2020) aponta que as projeções climáticas indicam uma redução no volume total de chuvas e uma maior irregularidade nos padrões de precipitação no bioma Caatinga, acompanhadas por um aumento no número de dias secos e na temperatura do ar. Esse bioma é apontado como o mais suscetível a mudanças significativas no regime de chuvas, o que pode provocar transformações profundas no seu equilíbrio ecológico e funcionamento natural.

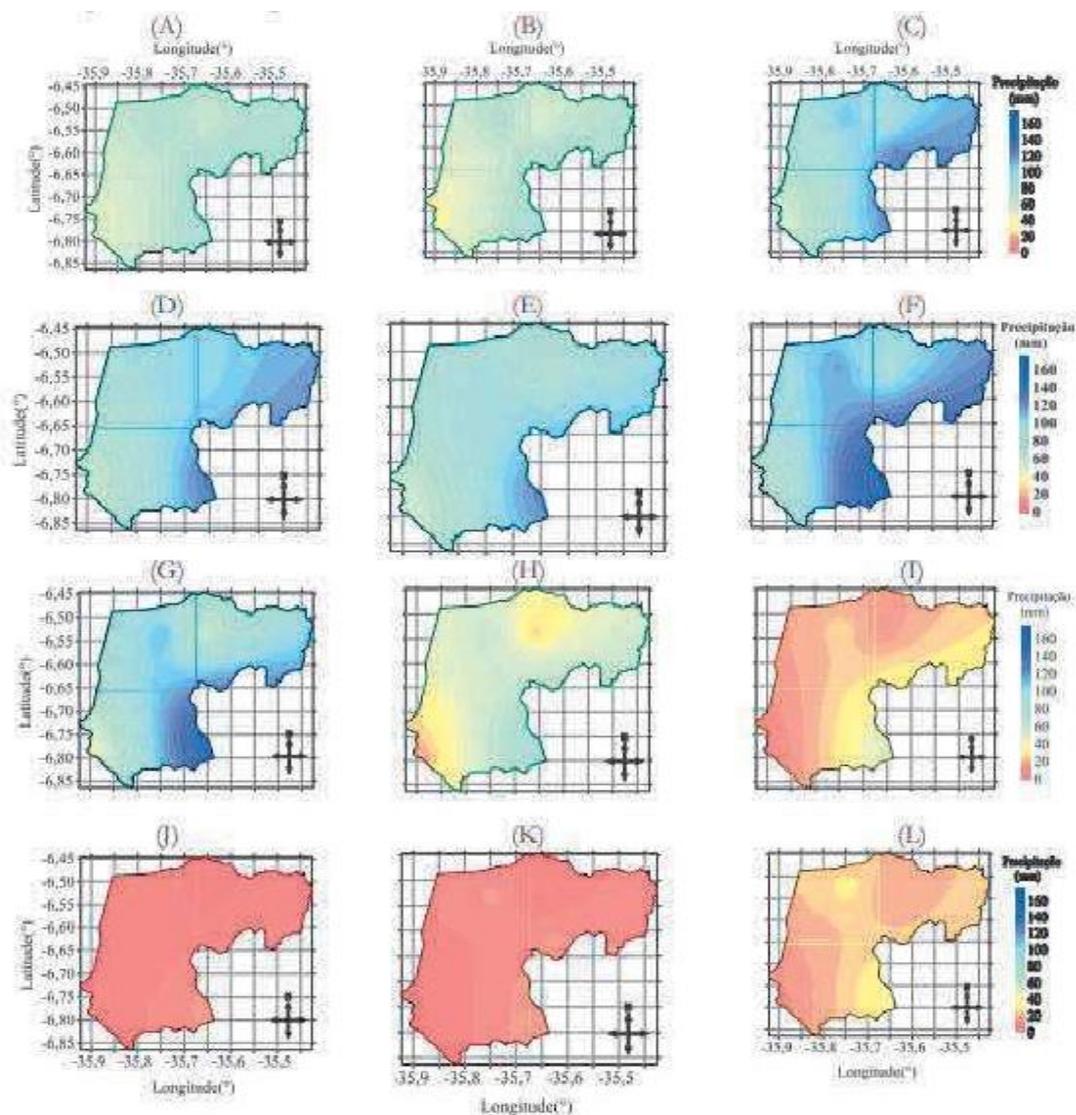
Segundo Cavalcante (2020), as projeções climáticas para o bioma Caatinga indicam um cenário de agravamento progressivo das condições climáticas ao longo do século XXI. Até

2040, é esperado um aumento da temperatura do ar entre 0,5 °C e 1 °C, acompanhado por uma redução entre 10% e 20% nos índices de precipitação. Entre 2041 e 2070, esse quadro tende a se intensificar, com elevação térmica variando de 1,5 °C a 2,5 °C e uma diminuição das chuvas entre 25% e 35%. No final do século, entre 2071 e 2100, as projeções apontam para um aumento ainda mais acentuado da temperatura, entre 3,5 °C e 4,5 °C, e uma redução da precipitação que pode atingir entre 40% e 50%, o que pode levar ao agravamento do déficit hídrico e à intensificação do processo de desertificação da Caatinga.

As projeções climáticas apresentadas por Cavalcante (2020) revelam um cenário preocupante para o futuro do bioma Caatinga, ao qual pertence a região do Curimataú Oriental paraibano. As tendências de aumento das temperaturas e significativa redução dos índices pluviométricos impactam diretamente as atividades agropecuárias locais, já fragilizadas pelas características naturais do semiárido. A intensificação da aridez e o agravamento do déficit hídrico tornam ainda mais desafiadora a manutenção da produção agrícola e pecuária, exigindo a adoção de práticas sustentáveis, tecnologias adaptativas e políticas públicas voltadas à resiliência climática. Dessa forma, compreender essas projeções é fundamental para o delineamento de estratégias que garantam a continuidade e a sustentabilidade do setor agropecuário no Curimataú Oriental nas próximas décadas.

Partindo para a microrregião do Curimataú Oriental, Nascimento *et al* (2021) realizaram uma pesquisa de precipitação pluviométrica na região e nos mostram que a região apresenta dois períodos distintos, um de sete meses chuvosos e outro com cinco meses secos. O período que mais chove ocorre entre os meses de janeiro a julho, o mês de junho é o mais chuvoso, ele atinge uma precipitação média de 109,9 mm. Em contrapartida, o período mais seco ocorre entre os meses de agosto a dezembro, tendo outubro como o mês mais seco, com média de 7,7 mm de precipitação.

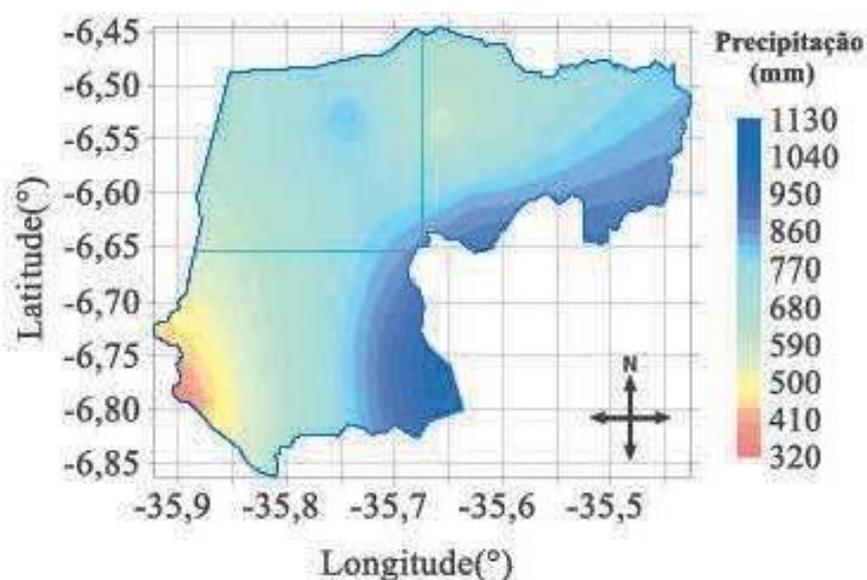
Figura 1 - Isoietas médias mensais da microrregião do Curimataú Oriental de Janeiro (A), Fevereiro (B), Março (C), Abril (D), Maio (E), Junho (F), Julho (G), Agosto (H), Setembro (I), Outubro (J), Novembro (K) e Dezembro (L).



Fonte: Nascimento et al, p. 8 (2021)

Confirmando o que Bezerra (2002) falou em sua pesquisa sobre o clima semiárido, o Curimataú Oriental apresenta alguns meses de chuva e outros mais secos, o que pode ser ruim para alguns tipos de culturas produtivas. Santos e Souza (2018) dizem que a chuva em determinada época do ano pode ser útil ou prejudicial à agricultura, o que vai depender se coincide com o período vegetativo ou de colheita de determinadas culturas.

Figura 2 – Distribuição espacial da precipitação anual acumulada da microrregião do Curimataú Oriental



Fonte: Nascimento et al, p. 7 (2021).

Nascimento *et al* (2021) trazem outro ponto de relevância para o estudo quando diz que na região estudada por ser um território relativamente grande, apresenta variações de pluviometrias anuais a depender da sua localidade. Ele diz que em grande parte da microrregião, a precipitação anual fica acima dos 710 mm, com o maior acumulado nas áreas sul e leste, de 980 a 1070 mm. Na região oeste, que é a parte mais seca, a precipitação varia entre 350 e 620 mm. É o que evidencia a figura 2.

3. METODOLOGIA

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa de caráter exploratório e descritivo. A pesquisa exploratória é usada normalmente quando há pouco conhecimento sobre a temática abordada. Por meio do estudo exploratório busca-se conhecer com maior profundidade o assunto, de modo a torná-lo mais claro ou construir questões importantes para a condução da pesquisa, é o que explica Raupp e Beuren (2006). Segundo Gil (1999) a pesquisa descritiva tem como principal objetivo descrever características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.

Será realizada uma análise qualitativa e quantitativa, utilizando dados secundários do IBGE e pesquisa de revisão bibliográfica. Pesquisa bibliográfica: nesta pesquisa, faz-se uso dos materiais já publicados, escritos ou gravados mecânica ou eletronicamente, que contenham

informações de diversas áreas, Proetti (2005). Os métodos qualitativos e quantitativos não se excluem, e contribuem para o entendimento e a quantificação dos aspectos lógicos e essenciais de um fato ou fenômeno estudado. São procedimentos de cunho racional, intuitivo e descritivo que auxiliam os pesquisadores em seus estudos científicos e profissionais, é o que explica Proetti (2018).

Appolinário (2004) fala que a pesquisa qualitativa é uma modalidade de pesquisa na qual os dados são coletados através de interações sociais (p. ex.: estudos etnográficos e pesquisas participantes) e analisados subjetivamente pelo pesquisador.

Já a quantitativa é uma modalidade de pesquisa na qual variáveis predeterminadas são mensuradas e expressas numericamente. Segundo Proetti (2018) a pesquisa quantitativa tem por objetivo demonstrar, de forma quantificada, a importância dos dados coletados em uma verificação. Ela é apropriada para medir opiniões, atitudes, preferências por marcas de produtos, estimar potencial ou volume de um negócio.

3.1 Fontes de Dados

Dados Secundários: Os dados secundários serão obtidos a partir do Censo Agropecuário de 2017, Pesquisa da Pecuária Municipal, Pesquisa da Agricultura Municipal, fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Esses dados incluirão informações sobre a estrutura da produção agropecuária, características dos estabelecimentos rurais, uso da terra, entre outros IBGE (2017).

Revisão Bibliográfica: A pesquisa de revisão bibliográfica será realizada em fontes acadêmicas e científicas, incluindo livros, artigos científicos, teses, dissertações e relatórios técnicos. Será feita uma busca sistemática de literatura relacionada à agropecuária na região do Curimataú Oriental da Paraíba.

3.2 Análise de Dados

Tratamento e Organização dos Dados: Os dados do IBGE serão organizados e tabulados utilizando software estatístico. Serão calculadas medidas de tendência central, dispersão e percentagens, conforme necessário.

Análise Descritiva: A análise descritiva dos dados consistirá na apresentação de tabelas, gráficos e estatísticas descritivas para identificar tendências e características da agropecuária na região.

Resultados e discussão: A seção de resultados e discussão apresenta uma análise detalhada dos dados coletados, revelando as principais tendências, avanços e obstáculos enfrentados pelo setor agropecuário no Curimataú Oriental. As conclusões serão elaboradas considerando os objetivos estabelecidos

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

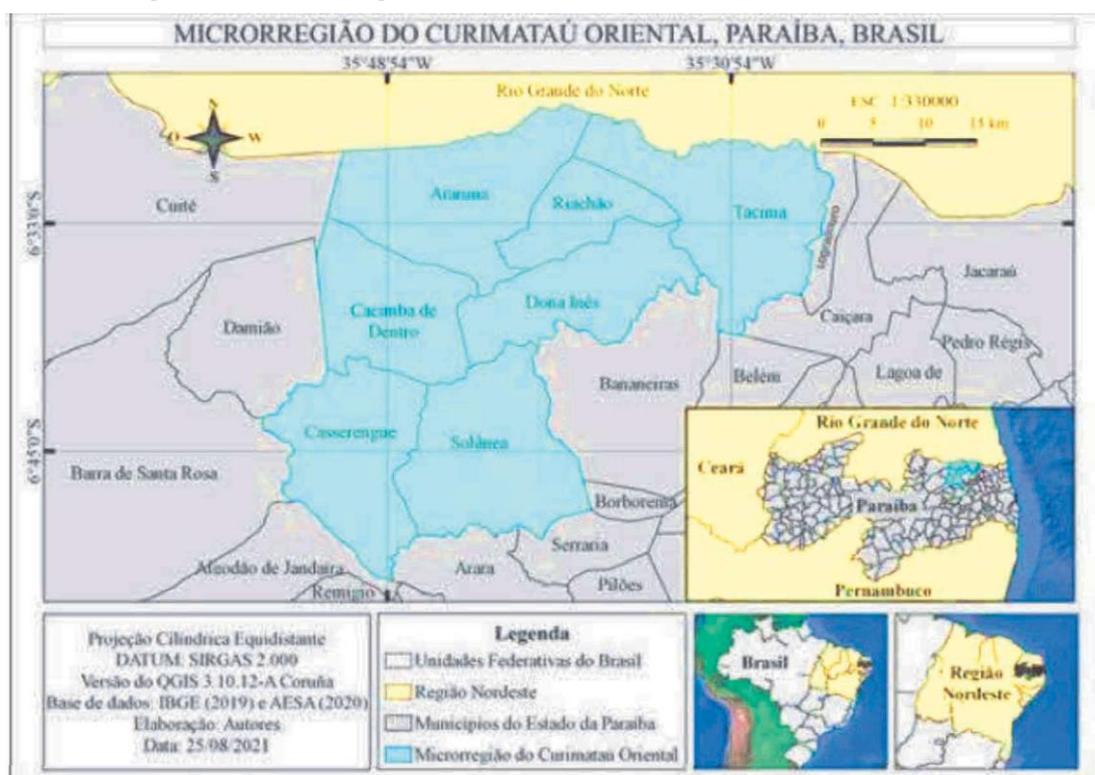
A estrutura da discussão dos resultados segue uma organização cuidadosa, começando com a elaboração do perfil socioeconômico da microrregião estudada. Esse perfil foi desenvolvido com o objetivo de entender a situação social e econômica da região, abrangendo suas características territoriais, dados populacionais, Produto Interno Bruto e indicadores de saneamento básico. Em seguida, são apresentados os dados obtidos da agropecuária, divididos em dois grandes grupos: agricultura, que engloba tanto as lavouras temporárias quanto as lavouras permanentes, e produção pecuária. E para que se possa ter uma análise mais aprofundada e precisa quanto aos dados, foi utilizada a criação de “rankings” principalmente utilizando as microrregiões do Agreste paraibano, que é a mesorregião em que pertence o Curimataú Oriental. Essa estrutura permite uma análise abrangente e detalhada dos aspectos socioeconômicos e agropecuários da microrregião, fornecendo uma base sólida para a compreensão e interpretação dos resultados obtidos.

4.1 Perfil Socioeconômico do Curimataú Oriental

4.1.1 Características territoriais

O Curimataú Oriental é uma microrregião paraibana situada na mesorregião do Agreste, composta por sete municípios, que são eles: Araruna, Cacimba de Dentro, Dona Inês, Casserengue, Riachão, Solânea e Tacima, é o que evidencia a Figura 3. A região apresenta clima semiárido, e vegetação de caatinga. Apesar das dificuldades socioeconômicas e climáticas, o Curimataú Oriental tem papel importante na economia do Agreste paraibano IBGE (2022).

Figura 3 – Microrregião do Curimataú Oriental, Paraíba, Brasil



Fonte: Nascimento et al, p. 3 (2021)

Segundo o IBGE (2022) o Curimataú Oriental possui uma área de unidade territorial de 1.351,7 Km². Sendo o seu maior município o de Araruna, com extensão de 246,7 Km², e o menor o município de Riachão com 85,3Km². Quanto a densidade demográfica da região, de acordo com o IBGE (2022), ela estava em 65,27 habitantes por Km². O município com maior densidade é o de Solânea com 114,89 habitantes por Km², e o de menor densidade demográfica é o de Tacima com 32,66.

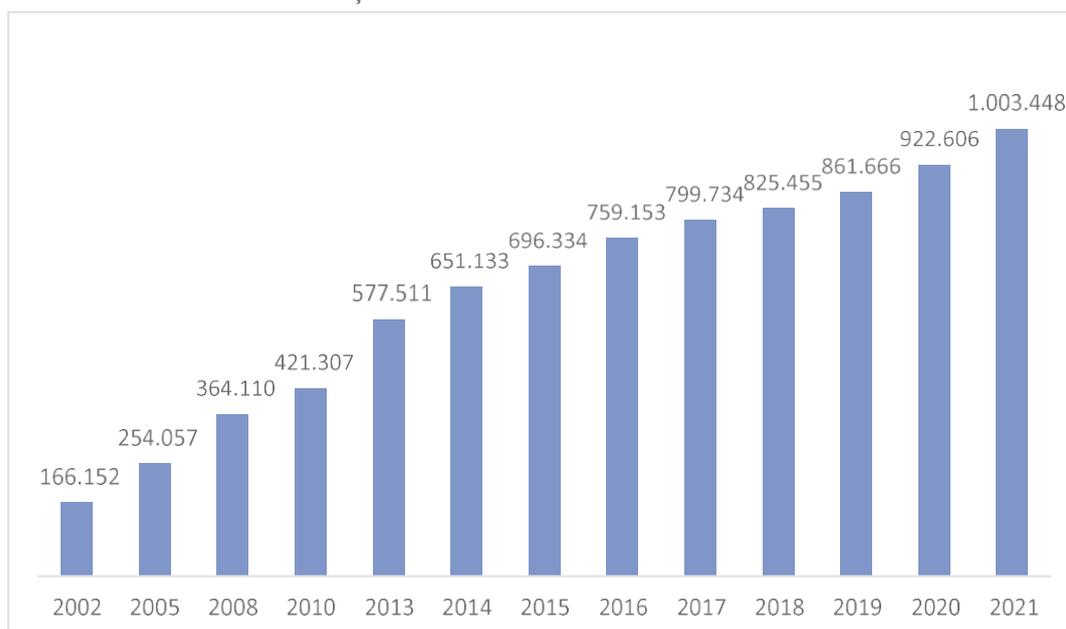
4.1.2 População

Em 2022 foi constatada uma população de 88.233 pessoas na microrregião do Curimataú Oriental, sendo 43.210 homens e 45.023 mulheres, IBGE (2022). O que dá uma população feminina de 51,03% do total, e 48,97% masculina. Após uma análise feita através dos dados dos últimos censos pode-se perceber que a população dessa região vem mostrando uma queda expressiva. Em números a população caiu de 93.423 em 2010 para 88.233 em 2022. Isso representa uma queda de 5,56% da população. Outro ponto a se destacar é que do ano 2000 a 2010 a população tinha crescido 0,39%, de 93.056 para 93.423.

4.1.3 Produto Interno Bruto

O Produto Interno Bruto da microrregião estudada, em concordância com o IBGE (2021) estava em 1.003.448 (mil reais), o que significa uma participação de 1,3% no PIB da Paraíba como um todo, e conseqüentemente 4,7% de participação na mesorregião do Agreste paraibano. Essa microrregião vem crescendo ano após ano, de acordo com o seu produto interno bruto, os anos entre 2013 e 2021, segundo o IBGE (2021), o crescimento médio de um ano para o outro fica na casa dos 7%, é o que se pode observar no Gráfico 1. Já utilizando dados mais antigos, a partir de 2002, a mediana de crescimento fica em torno de 9%.

Gráfico 1 – Evolução do PIB do Curimataú Oriental



Fonte: IBGE, em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus - SUFRAMA

No que diz respeito ao PIB per capita, segundo o IBGE (2021) a média estava em R\$ 9.870,81. O município com maior per capita é o de Solânea com R\$ 13.553,35, e o menor é o de Tacima com R\$ 8.317,81. Em uma comparação com a média do PIB da Paraíba, o Curimataú Oriental fica abaixo, a Paraíba tem uma média de R\$ 13.090,92, apenas o município de Solânea fica acima da média paraibana. Já a média da mesorregião do Agreste paraibano fica em R\$ 11.631,59, ficando mais próxima do Curimataú Oriental.

4.1.4 Saneamento básico

Em conformidade com o IBGE (2022), a microrregião estudada tem 30.027 domicílios particulares permanentes ocupados, e para cerca de 47,76% desses domicílios o esgotamento utilizado é com a fossa rudimentar ou buraco, e ele representa o maior índice entre os outros

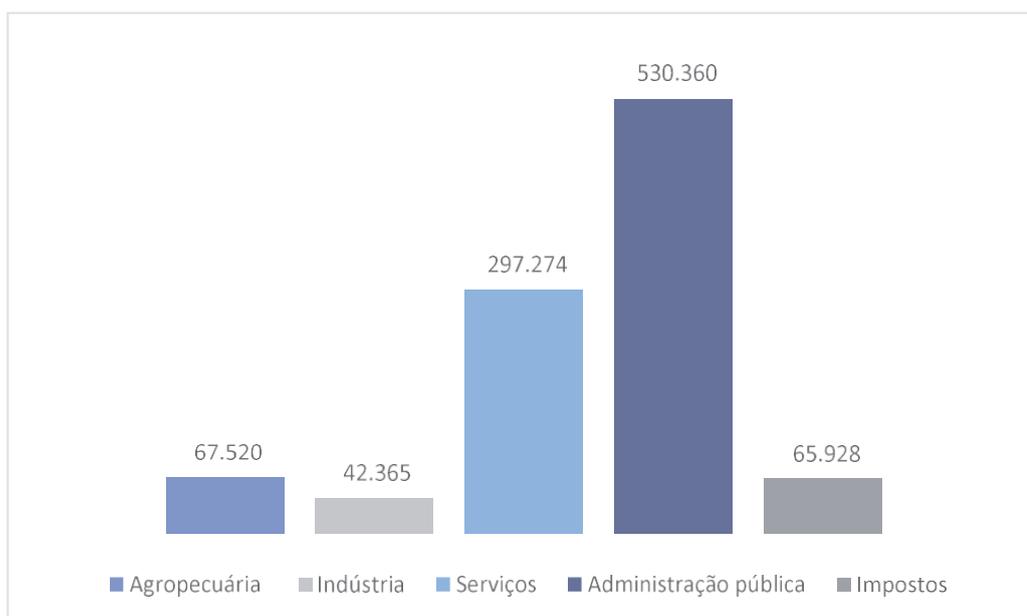
tipos. Em segundo lugar fica a fossa séptica ou fossa filtro não ligada à rede com 22,81% dos domicílios. Ou seja, cerca de 70% da população do Curimataú Oriental não possui saneamento básico de qualidade.

Quanto ao abastecimento de água, de acordo com a pesquisa nacional de saneamento básico do IBGE (2017), a microrregião possuía um número de 13.165 ligações ativas abastecidas, sendo 96,70% delas de ligações residenciais, e 1,84% de órgãos públicos. O município com mais ligações é o de Solânea, com 5.231 ligações. Riachão ocupa a última colocação com 603. O município de Dona Inês não possuía dados para essa variável.

4.2 A agropecuária no Curimataú Oriental

A agropecuária na microrregião do Curimataú Oriental desempenha um importante papel no desenvolvimento econômico da região. Pois, ela representa 6,73% do PIB, segundo o IBGE (2021).

Gráfico 2 – PIB do Curimataú Oriental em 2021 por atividade econômica



Fonte: IBGE, em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus – SUFRAMA

O Gráfico 2 mostra que mesmo não sendo a principal atividade econômica da microrregião, a agropecuária tem uma relevância considerável no desenvolvimento da região, ficando à frente do PIB industrial e o de impostos, com 4,22% e 6,57% do percentual, respectivamente. O município que mais se destaca economicamente é o de Solânea, com cerca de 21% do PIB agropecuário da microrregião.

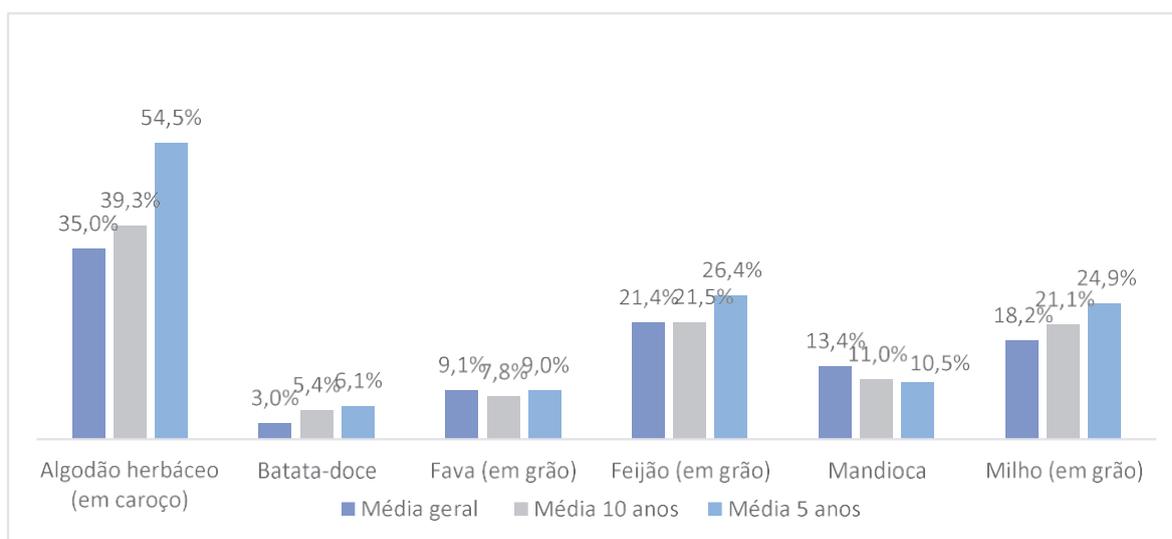
4.1.1 Agricultura

A agricultura do Curimataú Oriental é fortemente caracterizada pela produção de lavouras temporárias, sendo que algumas culturas exercem uma influência considerável na produção agrícola da mesorregião do Agreste paraibano. Um exemplo notável é a produção de algodão herbáceo (em caroço), que registrou uma média de participação na mesorregião de 54,5% durante o período compreendido entre os anos de 2018 e 2022. Esse dado não apenas evidencia a importância econômica do algodão na região, mas também destaca a capacidade do Curimataú Oriental de se destacar como um polo produtivo significativo nesse segmento agrícola.

4.1.1.1 Lavoura temporária

Ao fazer uma análise do Gráfico 3, torna-se evidente a significativa participação do Curimataú Oriental na produção de algodão herbáceo. No entanto, essa disparidade expressiva é atribuída à queda na produção de algodão em toda a mesorregião. De fato, a produção de algodão na região experimentou uma queda drástica ao longo das décadas, passando de 9.481 toneladas em 1990, para apenas 397 toneladas em 2022. Mas mesmo em 1990 com o auge da produção de algodão, a participação do Curimataú Oriental era notavelmente significativa, atingindo 44,5% da produção do Agreste. Esses dados apontam para uma oportunidade substancial de aumento na produção, sugerindo um potencial significativo para a região expandir sua contribuição para a produção de algodão herbáceo.

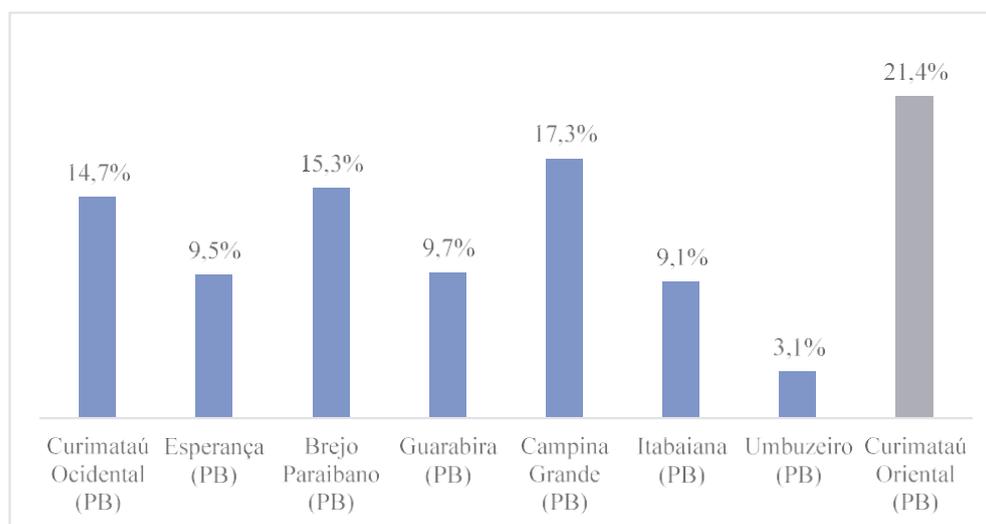
Gráfico 3 – Participação do Curimataú Oriental na produção de lavouras temporárias do Agreste paraibano



Fonte: IBGE, Pesquisa da Produção Agrícola Municipal – PAM

Outro destaque importante fica na produção de Feijão (em grão), onde o Curimataú Oriental vem a muitos anos ficando em primeiro lugar dentro do Agreste paraibano, com uma incrível produção de 13.115 toneladas em 1997, e 26% da produção do Agreste. Nos últimos anos vem ficando com uma média de 3 mil toneladas produzidas. O Gráfico 4 mostra uma média geral da participação do Curimataú Oriental na produção de Feijão (em grão) no Agreste paraibano. Pode – se notar outra grande oportunidade de voltar ao patamar de produção dos anos anteriores.

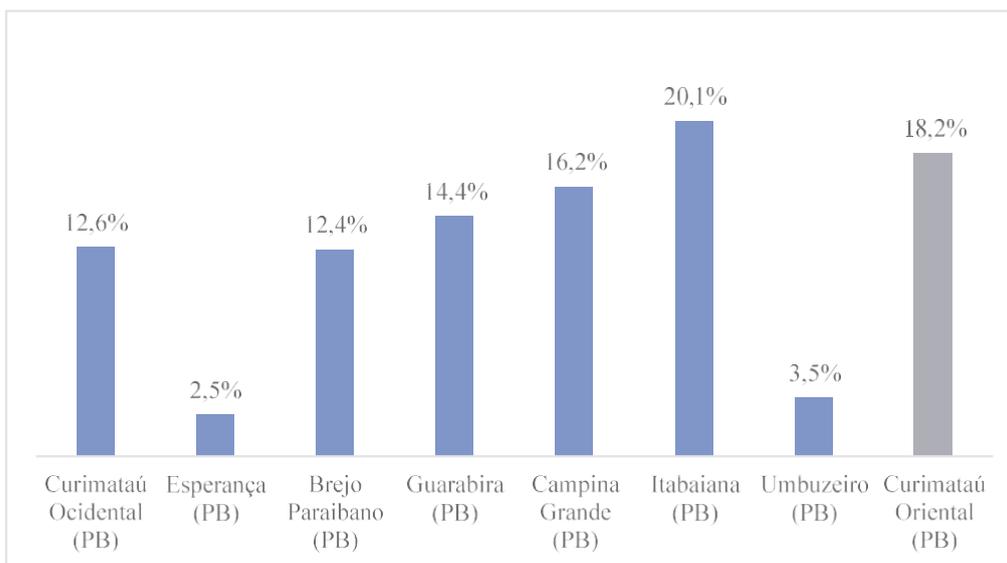
Gráfico 4 – Média geral da produção de Feijão (em grão) do Agreste paraibano



Fonte: IBGE, Pesquisa da Produção Agrícola Municipal - PAM

A produção de Milho (em grão) é outro ponto a se destacar nessa microrregião. No seu ano mais produtivo que foi o de 2008, ela produziu 9.940 toneladas, com 21,7% de participação no Agreste. Na sua média geral de produção, acaba ficando atrás apenas da microrregião de Itabaiana, é o que evidencia o gráfico 5. Um ponto peculiar da produção do Milho é que diferentemente das outras culturas ele não obteve uma queda expressiva de produção no Agreste, ou seja, O Curimataú veio mantendo sua produção e é uma grande fonte de renda hoje na Paraíba.

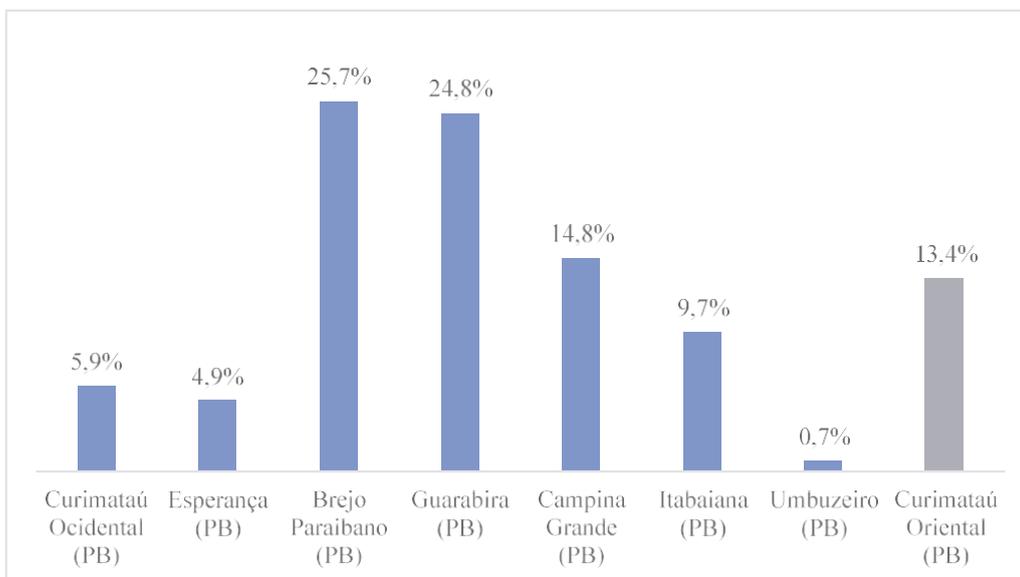
Gráfico 5 - Média geral da produção de Milho (em grão) do Agreste paraibano



Fonte: IBGE, Pesquisa da Produção Agrícola Municipal – PAM

Quanto a produção de Mandioca, o gráfico 6 mostra que o Curimataú Oriental fica na quarta posição em relação a seus pares no Agreste paraibano, e em alguns anos de melhores produção atingindo a segunda colocação, sendo assim um importante centro de produção na Paraíba.

Gráfico 6 - Média geral da produção de Mandioca do Agreste paraibano



Fonte: IBGE, Pesquisa da Produção Agrícola Municipal - PAM

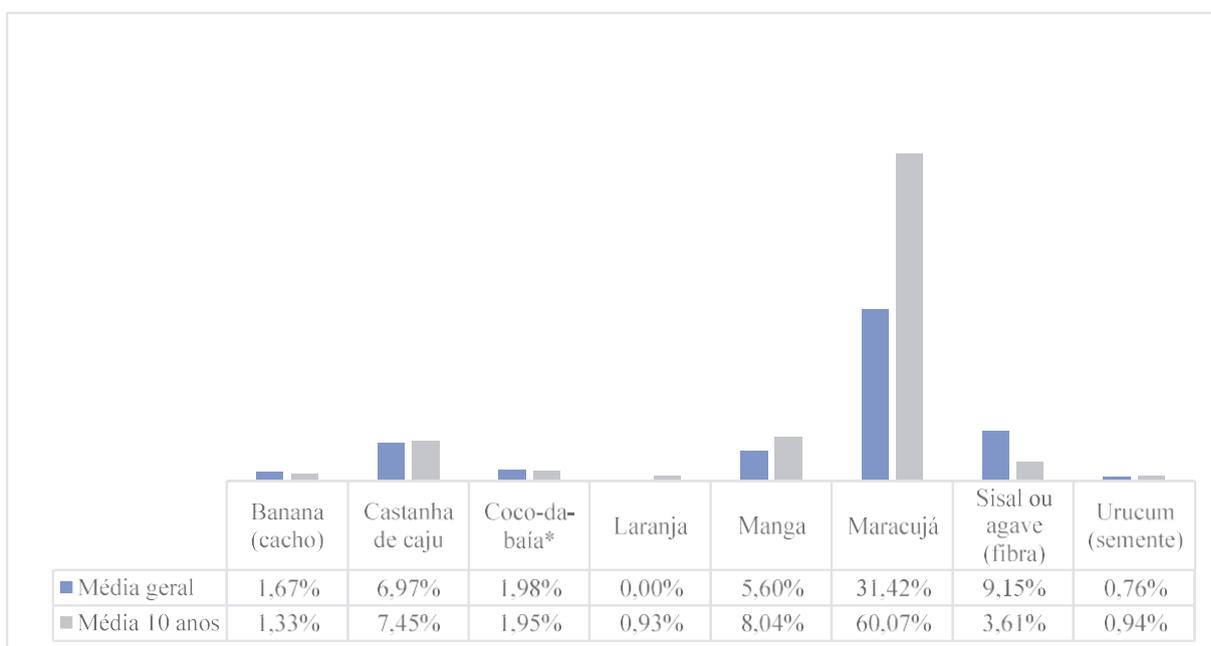
Mas não diferente de outras culturas, a produção de Mandioca veio caindo com o passar dos anos, tanto no Agreste, quanto no Curimataú Oriental. Saindo de produções na casa das 40

mil toneladas nos anos 90, para produções abaixo de 10 mil toneladas nos últimos anos. Observando assim uma oportunidade que não está sendo aproveitada pela microrregião.

4.1.1.2 Lavoura permanente

O Gráfico 7 mostra que as lavouras permanentes do Curimataú Oriental têm sua principal representação pela cultura do Maracujá, de 1990 até 2022, o Curimataú Oriental representa uma média de 31,42% da produção do Agreste paraibano, e nos últimos dez anos essa média aumentou para mais de 60% de participação.

Gráfico 7 - Participação do Curimataú Oriental na produção de lavouras permanentes do Agreste paraibano



Fonte: IBGE, Pesquisa da Produção Agrícola Municipal - PAM

Em números reais a produção de Maracujá saiu de uma produção com menos de mil toneladas nos anos 90, para uma produção acima de 3 mil toneladas nos últimos anos. É o que mostra a Tabela 1. Atingindo em 2018 uma incrível produção de 4.520 toneladas de Maracujá

Tabela 1 – Média da produção de Maracujá e Sisal ou Agave no Curimataú Oriental a cada 5 anos

Tipo de produção	1990-1994	1995-2000	2001-2006	2007-2011	2012-2016	2017-2022
Maracujá	600	2681	1283,4	1911	2192,8	3609,8
Sisal ou Agave (fibra)	1082	693,4	716,6	1010,4	365,2	56,6

Fonte: IBGE, Pesquisa da Produção Agrícola Municipal - PAM

A produção de Sisal ou Agave (fibra) já foi bem mais representativa para o Curimataú Oriental, diferentemente do Maracujá, nos anos 90 a média de produção ficava em torno de mil toneladas ao ano, já nos últimos anos essa produção não alcança a casa das 500 toneladas, e entre 2017 e 2022 cai ainda mais, para 56 toneladas. É o que se observa na Tabela 1.

De acordo com os dados apresentados o Curimataú Oriental da Paraíba desempenha um papel de destaque no cenário agrícola do Agreste paraibano e, por extensão, no estado como um todo. No entanto, apesar de sua relevância histórica e geográfica na produção de culturas agrícolas, ainda existem vastas oportunidades não exploradas na região. Tanto culturas que outrora foram pilares econômicos locais, como também aquelas que ainda não foram introduzidas na área, representam potenciais significativos a serem desenvolvidos. Essas oportunidades, se devidamente aproveitadas, podem não apenas diversificar a produção agrícola, mas também fortalecer a resiliência econômica das comunidades rurais e contribuir para a sustentabilidade do agronegócio no Curimataú Oriental.

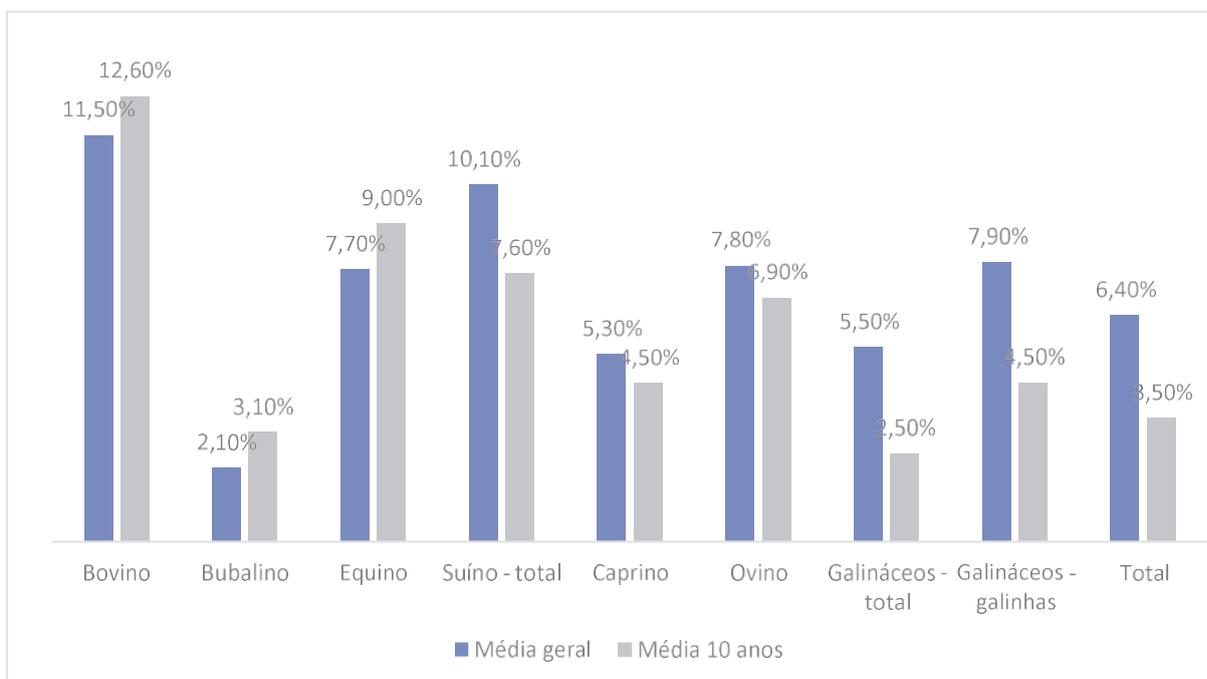
4.1.2 Pecuária

A produção pecuária no Curimataú Oriental tem experimentado flutuações significativas ao longo dos anos. De acordo com dados do IBGE (1990 - 2022), a média geral de produção é de aproximadamente 309.964 cabeças. No entanto, nos últimos 10 anos, essa média diminuiu para 252.224 cabeças, representando uma redução de 23% na produção pecuária durante esse período. Essa queda evidencia uma oportunidade subutilizada na região, uma vez que há uma capacidade de produção potencial que não está sendo plenamente explorada. Destaca-se que os anos de 2003, 2009 e 2011 foram os mais prósperos em termos de produção, registrando uma média de 463.276 cabeças, com um pico máximo alcançado em 2009, atingindo 499.278 cabeças. Esses dados ressaltam a importância de identificar e abordar os desafios que podem estar impactando negativamente a produção pecuária recente, visando aproveitar ao máximo o potencial produtivo da região.

A participação média do Curimataú Oriental na produção pecuária da mesorregião do Agreste paraibano, conforme dados do IBGE (1990 - 2022), situa-se em torno de 6,4%. Esse dado é de suma importância para análise, contudo, quando observamos somente os últimos 10 anos (2012 - 2022), esse indicador já declina para aproximadamente 3,5%, indicando uma tendência de queda na produção ao longo dos anos. Ao aprofundarmos a análise para os últimos

5 anos, percebemos uma redução ainda mais expressiva, alcançando 2,8% de participação na produção pecuária do Agreste paraibano. Essa tendência pode ser visualizada de forma mais clara no Gráfico 8 abaixo.

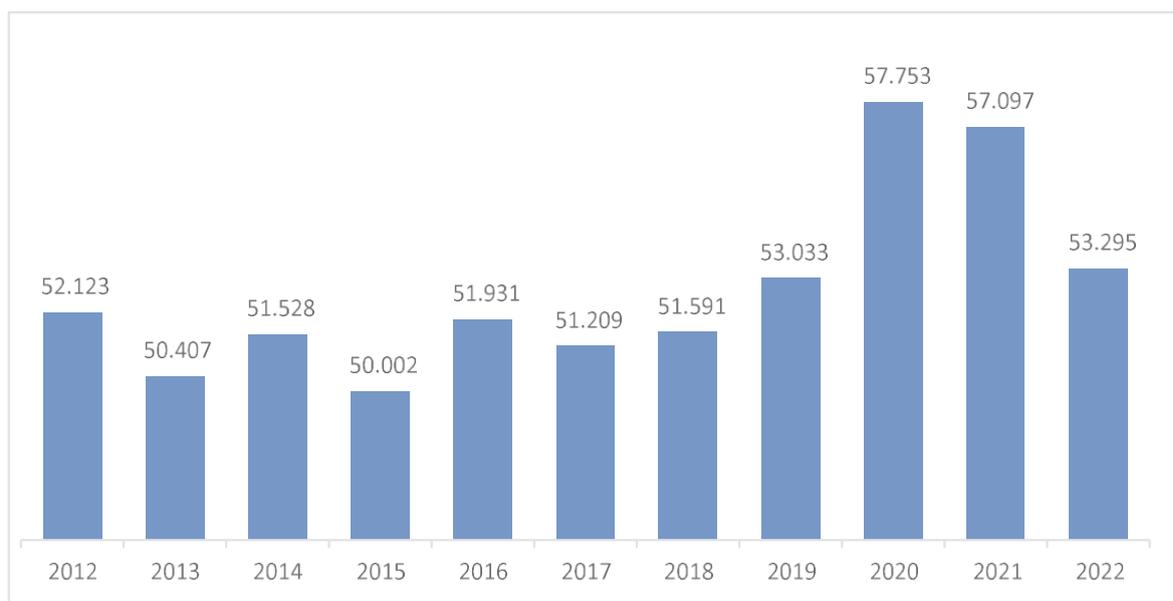
Gráfico 8 – Participação do Curimataú Oriental na produção pecuária da mesorregião do Agreste paraibano



Fonte: IBGE - Pesquisa da Pecuária Municipal (1990 - 2022)

Ao realizar uma análise mais detalhada dos dados, considerando a categorização por tipo de rebanho, observa-se que alguns apresentaram um aumento significativo na produção e participação na mesorregião. Um exemplo é a produção de bovinos, cuja participação média na mesorregião aumentou de 11,5% para 12,6% nos últimos 10 anos. Outro destaque é a produção de equinos, que passou de uma média geral de 7,7% para 9% de participação nesse mesmo período. Além disso, a produção de bubalinos também registrou um leve aumento, indo de 2,1% para 3,1%. Por outro lado, houveram quedas significativas na produção de suínos e galináceos, tanto no total quanto especificamente de galinhas, com reduções de 2,5, 3,0 e 3,3 pontos percentuais, respectivamente. Essas tendências são detalhadas no Gráfico 8, anexo ao texto.

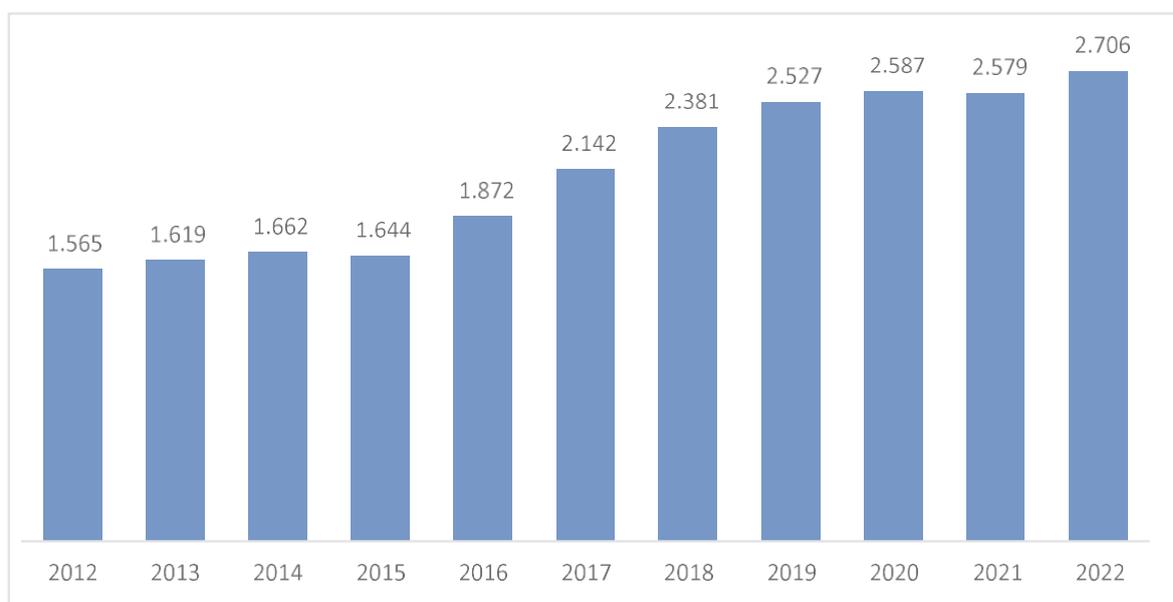
Gráfico 9 – Evolução na produção de Bovinos (2012 – 2022)



Fonte: IBGE - Pesquisa da Pecuária Municipal (2012 - 2022)

O Gráfico 9 ilustra que a produção de bovinos se manteve relativamente estável durante o período estudado. Em 2012, o rebanho era de 52.123 cabeças, e em 2022 chegou a 53.295. Apesar de uma leve queda entre 2013 e 2015, os números voltaram a crescer, com destaque para os anos de 2020 e 2021, quando atingiram os maiores patamares da série, chegando a 57.097 em 2021. No entanto, houve uma pequena retração em 2022. De forma geral, a atividade bovina mostra uma estabilidade com tendência moderadamente crescente.

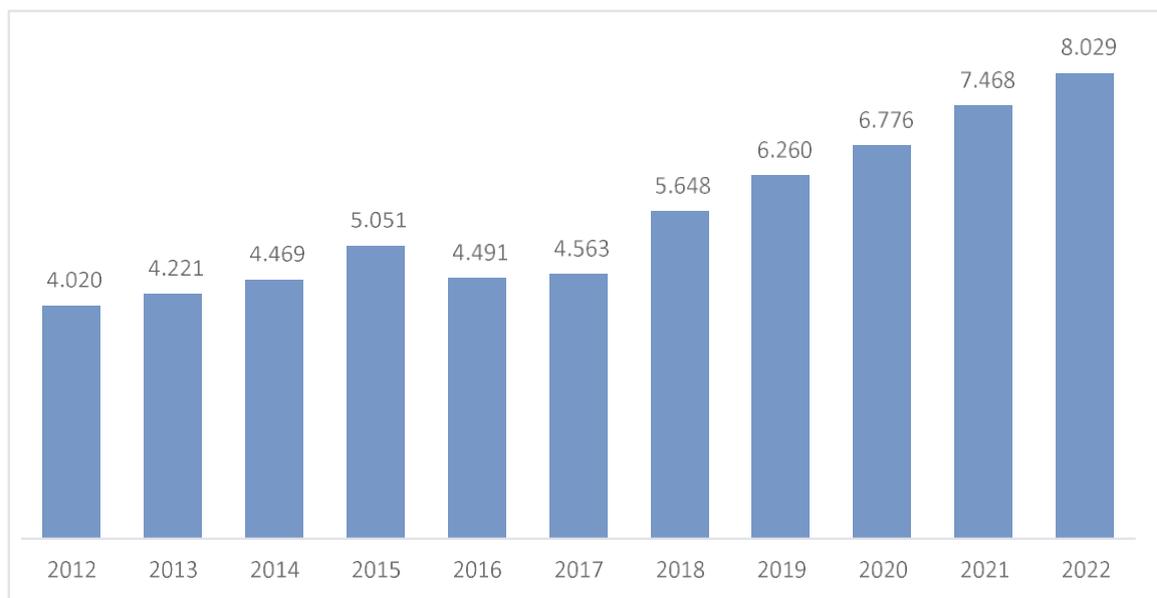
Gráfico 10 – Evolução na produção de Equinos (2012 – 2022)



Fonte: IBGE - Pesquisa da Pecuária Municipal (2012 - 2022)

A partir do gráfico 10, é possível notar que o rebanho equino apresentou uma trajetória de crescimento contínuo e gradual. Em 2012, haviam 1.565 equinos registrados, número que aumentou para 2.706 em 2022 — o que representa uma elevação de aproximadamente 43% ao longo dos 11 anos. Esse crescimento mostra-se mais acentuado a partir de 2016, indicando possível expansão do interesse ou investimento na suinocultura na região.

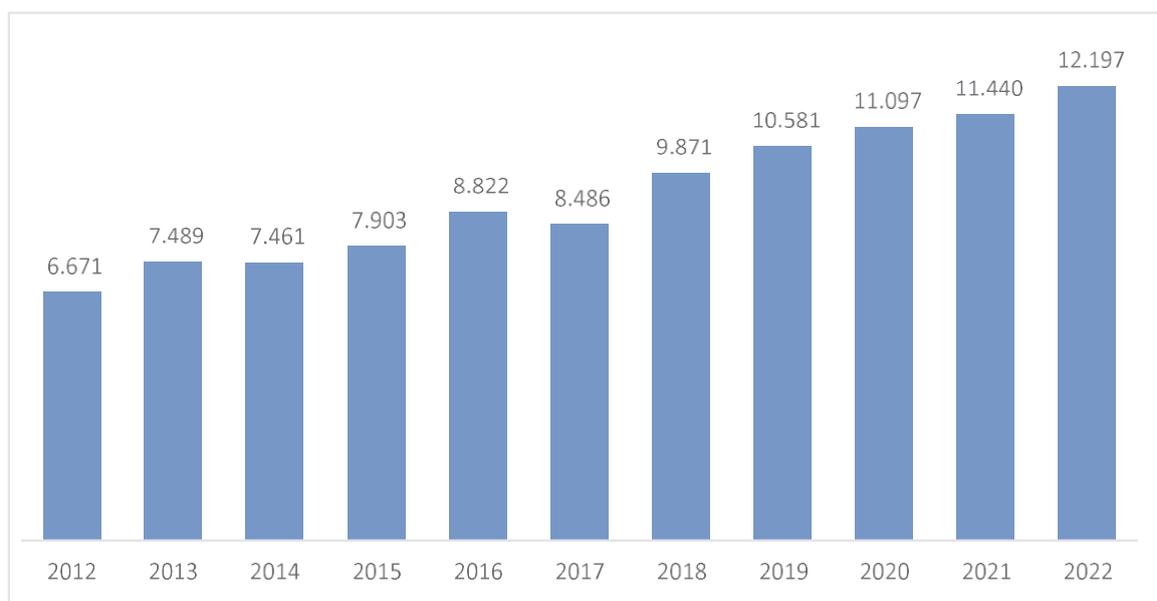
Gráfico 11 – Evolução na produção de Suínos (2012 – 2022)



Fonte: IBGE - Pesquisa da Pecuária Municipal (2012 - 2022)

Conforme ilustrado pelo gráfico 11, o rebanho suíno também passou por um processo de crescimento expressivo. Em 2012, contava com 4.020 cabeças, chegando a 8.029 em 2022. Isso significa que a produção praticamente dobrou no período. Após uma leve queda entre 2016 e 2017, os dados mostram recuperação acelerada e contínua até o final da série, o que reforça a relevância econômica crescente desses animais para a microrregião.

Gráfico 12 – Evolução na produção de Ovinos (2012 – 2022)



Fonte: IBGE - Pesquisa da Pecuária Municipal (2012 - 2022)

Conforme demonstrado no Gráfico 12, a produção de ovinos, por sua vez, foi a que apresentou o crescimento mais estável e constante. Em 2012, o rebanho era de 6.671 animais, e em 2022 chegou a 12.197. Essa evolução representa um crescimento de mais de 40%. Ano após ano, houve incrementos na quantidade de equinos, sem recuos significativos, o que demonstra uma consolidação cada vez maior dessa atividade na região.

É evidente que o Curimataú Oriental atualmente desempenha um papel significativo na produção de bovinos, equinos, suínos e ovinos. No entanto, mesmo sendo um importante produtor nessas categorias, observa-se quedas em relação à produção do passado. Essa constatação abre uma janela de oportunidade para o crescimento da região, considerando que já demonstrou ser mais representativa em tempos anteriores. Assim, existe um potencial latente para o Curimataú Oriental não apenas recuperar sua posição passada, mas também superá-la, especialmente nas áreas de produção de bovinos e equinos, onde já apresentou desempenho notável. Para alcançar esse objetivo, é crucial investir em programas de incentivo à produção agropecuária, promover capacitação técnica para os produtores locais, modernizar as técnicas de manejo animal e aprimorar a infraestrutura rural. Além disso, a diversificação da produção e a adoção de práticas sustentáveis podem contribuir para aumentar a competitividade da região no mercado agropecuário. Em suma, há um vasto campo de oportunidades para o Curimataú Oriental maximizar seu potencial pecuário, impulsionando assim o desenvolvimento econômico e social da região.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em todas as informações apresentadas ao longo deste trabalho, pode-se afirmar que a agropecuária exerce um papel importante no desenvolvimento econômico do Curimataú Oriental paraibano. Mesmo diante das limitações estruturais e climáticas da região, os dados revelam a relevância histórica e produtiva dessa atividade para a economia local e regional. A agricultura, especialmente por meio das lavouras temporárias de algodão, milho e feijão, possui forte presença. O mesmo ocorre com a pecuária, cuja produção já foi mais expressiva e, apesar de apresentar sinais de recuperação em alguns segmentos como bovinos e equinos, registra quedas notáveis em outras áreas, como a suinocultura e avicultura que diminuíram sua importância dentro do Agreste.

Os dados demográficos e socioeconômicos também ajudam a contextualizar o cenário atual, marcado por uma população em declínio, baixos índices de saneamento básico e um PIB per capita inferior à média estadual. Apesar disso, observa-se crescimento econômico constante no PIB total da microrregião, o que indica que há dinâmicas positivas em curso, também sendo influenciada pelo setor agropecuário. Essa atividade representa uma fatia importante do PIB local, superando até mesmo setores como o industrial e de arrecadação de impostos em alguns municípios.

No entanto, a realização deste estudo enfrentou uma limitação importante: a baixa adesão dos secretários de agricultura dos municípios da microrregião ao questionário disponibilizado. A escassez de respostas dificultou uma análise mais qualitativa e atualizada da realidade vivida por produtores rurais e gestores locais. Essa ausência de retorno evidencia a necessidade de maior integração entre os setores público e acadêmico, especialmente no compartilhamento de dados e informações que permitam análises mais completas e úteis para a formulação de políticas públicas.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Nizomar Falcão. Água no semiárido nordestino. Experiências e desafios. *Água e Desenvolvimento Sustentável no Semiárido*, p. 35-52, 2002.
- CALADO, T. O., MARQUES, E. A. T., SOBRAL, M. C., 2020. Planos diretores na articulação da gestão de recursos hídricos com o uso do solo no entorno de reservatórios. **Revista Brasileira de Geografia Física** **13**, 958-972. Disponível: <https://doi.org/10.26848/rbgf.v13.3.p958-972>
- CAVALCANTE, Arnóbio de Mendonça Barreto; FERNANDES, Pedro Hugo Cândido; SILVA, Emerson Mariano da. Opuntia ficus-indica (L.) Mill. e as Mudanças Climáticas: Uma Análise a Luz da Modelagem de Distribuição de Espécies no Bioma Caatinga. **Revista Brasileira de Meteorologia**, v. 35, n. 3, p. 375-385, 2020.
- CHADDAD, F. The Economics and Organization of Brazilian Agriculture. Londres: Academic Press & Elsevier, 2016. Edição em português, Economia e organização da agricultura brasileira. São Paulo: GEN Atlas, 2017.
- ALMEIDA, Rafaela Gomes de; CAVALCANTE, Arnóbio de Mendonça Barreto; SILVA, Emerson Mariano da. Impactos das mudanças climáticas no bioma Caatinga na percepção dos professores da rede pública municipal de General Sampaio-Ceará. **Revista Brasileira de Meteorologia**, v. 35, p. 397-405, 2020.
- GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GRISA, Catia; SCHNEIDER, Sergio. Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil. 2015.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://censos.ibge.gov.br/agro/>.
- NASCIMENTO, Maxsuel Bezerra *et al.* Emprego do Índice de Anomalia de Chuva na Variabilidade Pluviométrica da Microrregião Do Curimataú Oriental no Estado da Paraíba. **Revista Brasileira de Geografia Física**, v. 14, n. 06, p. 3193-3205, 2021.
- NAVARRO, Z. S. de; *et al.* A economia agropecuária do Brasil: a grande transformação. São Paulo: Baraúna, 2020.

PROETTI, Sidney. As pesquisas qualitativa e quantitativa como métodos de investigação científica: Um estudo comparativo e objetivo. **Revista Lumen-ISSN: 2447-8717**, v. 2, n. 4, 2018.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências. Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática. São Paulo: Atlas, p. 76-97, 2006.

SANTOS, E. F. N., SOUSA, I. F., 2018. Análise estatística multivariada da precipitação do estado de Sergipe através dos fatores e agrupamentos. **Revista Climatologia** 23, Brasileira 205-222. de Disponível: <http://dx.doi.org/10.5380/abclima.v23i0.58267>

VEIGA, J. E. da. (2001). O Brasil rural ainda não encontrou seu eixo de desenvolvimento. *Estudos Avançados*, 15(43), 101–119. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142001000300010>

VEIGA, J. E. Desenvolvimento territorial do Brasil: do entulho varguista ao zoneamento ecológico-econômico. *Bahia Análise & Dados*, Salvador, v. 10, n. 4, março 2001, p. 193-206.

VEIGA, J. E.; FAVARETO, A.; AZEVEDO, C.; BITTENCOURT, J.; VECCHIATTI, K.; MAGALHÃES, R.; JORGE, R. O Brasil rural precisa de uma estratégia de desenvolvimento. *Série textos para discussão*, n. 1. Brasília: NEAD/CDR, 2001.